

NOVA ÁGUIA

Revista de Cultura para o Século XXI

Nº 8 – 2ª SEMESTRE 2011

Dirreção: Renato Epifânio, Celeste Natário e Miguel Real

Ensaio, poesia e outros temas

O PENSAMENTO DA CULTURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

nos 30 anos da morte de
ÁLVARO RIBEIRO

nos 50 anos da *TEORIA DO SER E DA VERDADE* de
JOSÉ MARINHO

nos 100 anos do nascimento de
ÁLVARO CUNQUEIRO
e da morte de
JOAQUIM NABUCO

no bicentenário do nascimento de
DOMINGOS GONÇALVES DE MAGALHÃES

ainda nos 15 anos da
CPLP

ainda sobre
FERNANDO PESSOA



Zéfiro


ÍNDICE

EDITORIAL	5
NOS 30 ANOS DA MORTE DE ÁLVARO RIBEIRO	
Álvaro Ribeiro, CARTA A ANTÓNIO QUADROS	8
Azinhal Abelho, Orlando Vitorino, António Quadros, António Cândido Franco, Pinharanda Gomes, Miguel Real, António Braz Teixeira, António Telmo, André Veríssimo e José Augusto Seabra, ÁLVARO RIBEIRO EM 10 INSTANTÂNEOS.....	9
António Cândido Franco, ÁLVARO RIBEIRO NUM RELANCE DE LUZ.....	13
António Carlos Carvalho, EXILADO DO MUNDO	14
Artur Manso, O QUE É A <i>ESCOLA FORMAL</i>	15
Carlos Aurélio, UMA FILOSOFIA DO MODO	25
Cynthia Taveira, A ACTIVIDADE DE DEUS	32
Elísio Gala, ÁLVARO RIBEIRO E A FILOSOFIA POLÍTICA.....	35
Filipe Delfim Santos, UM COLÓQUIO AGORA MAIS ÚTIL & CARTA INÉDITA DE ÁLVARO RIBEIRO À VIÚVA DE DELFIM SANTOS.....	39
Joaquim Domingues, ERUDIÇÃO FILOSÓFICA	45
José da Costa Macedo, FILOSOFIA E SITUAÇÃO.....	49
Manuel Ferreira Patrício, A LÍNGUA PORTUGUESA E O DESTINO DE PORTUGAL	58
Maria Leonor L. O. Xavier, A QUESTÃO DA UNIVERSALIDADE DA FILOSOFIA.....	60
Maria Luísa de Castro Soares, CONCEITO E CONTROVÉRSIA DA FILOSOFIA PORTUGUESA: O APOSTOLADO DE ÁLVARO RIBEIRO	66
Paulo Jorge Brito e Abreu, FILOSOFIA PORTUGUESA EM ÁLVARO RIBEIRO	71
Pedro Martins, PÁTRIA, HISTÓRIA E EPOPEIA: ÁLVARO RIBEIRO, JAIME CORTESÃO E A <i>RENASCENÇA PORTUGUESA</i>	75
Pedro Sinde, ÁLVARO RIBEIRO, FILOSOFIA OPERATIVA E ORAÇÃO MENTAL	88
Rodrigo Sobral Cunha, A RAZÃO RÍTMICA (NO PENSAMENTO DE ÁLVARO RIBEIRO).....	97
Pinharanda Gomes, ÁLVARO RIBEIRO (1905-1981): A FILOSOFIA COMO ARTE & ADITAMENTO BIBLIOGRÁFICO	105
SOBRE JOSÉ MARINHO: NOS 50 ANOS DA <i>TEORIA DO SER E DA VERDADE</i>	
Renato Epifânio, JOSÉ MARINHO, UM FILÓSOFO METAFÍSICO E, POR ISSO, SITUADO	116
Pinharanda Gomes, A TERTÚLIA DE ÁLVARO RIBEIRO E DE JOSÉ MARINHO.....	117
Manuela Brito Martins, A FILOSOFIA DA HISTÓRIA EM OLIVEIRA MARTINS A PARTIR DE UMA LEITURA DE JOSÉ MARINHO.....	126
SOBRE ÁLVARO CUNQUEIRO, JOAQUIM NABUCO E DOMINGOS GONÇALVES DE MAGALHÃES	
Maria Seoane Dovigo, ÁLVARO CUNQUEIRO, CEM ANOS DEPOIS.....	132
João Bigotte Chorão, JOAQUIM NABUCO: UM BRASILEIRO EUROPEU.....	134
António Braz Teixeira, NOS DUZENTOS ANOS DE DOMINGOS GONÇALVES DE MAGALHÃES	140
AINDA SOBRE FERNANDO PESSOA	
Giancarlo de Aguiar, TRANSPERSONAS NA ESFINGE DE FERNANDO PESSOA.....	144
Ruben David Azevedo, PESSOA: UMA SINGULAR PLURALIDADE	151
Samuel Dimas, FERNANDO PESSOA E A ESTÉTICA DA <i>RENASCENÇA PORTUGUESA</i> : <i>D'A ÁGUA À ORPHEU</i>	152
António Cândido Franco, FERNANDO PESSOA SOB O SIGNO DA PÁTRIA DA LÍNGUA	155
Maria Clara Tavares, PASCOAES E PESSOA	159
Luís Tavares, PESSOA: A ESCRITA E A TERRA DE NINGUÉM	161
Kazufumi Watanabe, PESSOA NO JAPÃO.....	163

AINDA NOS 15 ANOS DA CPLP: TRAJECTOS LUSÓFONOS

Adriano Moreira, AS CULTURAS DOS POVOS DO MEDITERRÂNEO.....	166
António José Borges, RUMAR PORTUGAL, CONSIDERAR A EUROPA, PENSAR A LUSOFONIA.....	169
Delmar Maia Gonçalves, DEAMBULAÇÕES LITERÁRIAS	178
Dirk Hennrich, PORTUGAL, A EUROPA E AS MARGENS DA FILOSOFIA (COM CARTA DE JOAQUIM DOMINGUES).....	181
João Pereira de Matos, 17 GEDANKENEXPERIMENTE	187
Joaquim Miguel Patrício, PRESENTE E FUTURO DA LÍNGUA PORTUGUESA NUM QUADRO ESTRATÉGICO GLOBAL	189
Lúcia Helena Alves de Sá, A <i>FILOGONIA</i> DO PENSAMENTO DA CULTURA DE LÍNGUA PORTUGUESA ...	199
Miguel Real, O FUTURO DA LUSOFONIA.....	200
Nelson Goulart, LÍNGUA MÃE LÍNGUA FILHA.....	203
Nuno Sotto Mayor Ferrão, A DINÂMICA HISTÓRICA DO CONCEITO DE LUSOFONIA (1653-2011).....	204
Rui Martins, VIAGEM À GUINÉ-BISSAU	209
Sam Cyrus, DO CORAÇÃO DA COOPERAÇÃO À AVALIAÇÃO DA AÇÃO: CPLP ONTEM, HOJE E AMANHÃ.....	219
Simion Doru Cristea, A ENERGUEIA DAS LÍNGUAS AFRICANAS	221
Ximenes Belo, DISCURSO DA ACADEMIA.....	226

RUBRICAS

ENTRECAMPOS, de J. Pinharanda Gomes.....	230
AS IDEIAS PORTUGUESAS DE GEORGE TILL, de Jorge Telles de Menezes	233
DO ESPÍRITO DOS LUGARES, de Manuel J. Gandra.....	234
LITERATURA ORAL E TRADICIONAL, de Ana Paula Guimarães	239

BIBLIÁGUIO

<i>DIÁLOGOS DE AMOR</i> , DE LEÃO HEBREU, por Celeste Natário.....	244
MEMORIAL DO CONVENTO, DE JOSÉ SARAMAGO, por Gabriela Lança.....	245
<i>LEVANTE, 1487 – A VÁ GLÓRIA DE JOÃO ÁLVARES</i> , DE JOSÉ MARIA PIMENTEL.....	248
ÚLTIMAS OBRAS DA <i>COLECÇÃO NOVA ÁGUIA</i> , por Renato Epifânio.....	249

EXTRAVOO

António José de Brito, APONTAMENTO QUÁSI SUPERFICIAL SOBRE ÉTICA	252
António Monteiro, ARISTOPO DE CIRENE: UM FILÓSOFO NAS MARGENS DA HISTÓRIA.....	254

POEMÁGUIO

Fernando Pessoa, ÁLVARO RIBEIRO; UM VELHO PROFETA	7
António José Queiroz, VIAGEM.....	131
Teresa Dugos, CÁLICE; DA TERRA; MAUSOLÉU	142
Manuel Neto dos Santos, DA PANACEIA	165
Maurícia Teles da Silva, SETE PREMISSAS PARA A LIBERDADE	242
António José Borges, RESILIÊNCIA.....	242
Maria Luísa Francisco, FOSSE O DIA JÁ NOITE.....	243
Maria Luísa Francisco, PESSOA DE TI.....	78
Fernando Esteves Pinto, IDENTIDADE E CONFLITO.....	250

MAPIÁGUIO

COLECÇÃO NOVA ÁGUIA

ASSINATURAS

.....	259
.....	260
.....	261

UM COLÓQUIO AGORA MAIS ÚTIL

Filipe Delfim Santos

TERTÚLIA EM CASA DE ADOLFO CASAIS MONTEIRO REUNINDO ÁLVARO RIBEIRO, SANT'ANNA DIONÍSIO, JOSÉ MARINHO, EUDORO DE SOUSA E DELFIM SANTOS

Delfim Santos defendia, em missiva a Casais Monteiro de 19.08.43, e contra a opinião expressa pelo poeta da *presença* seu amigo, que as revistas literárias eram espaço apropriado para a publicação dos seus ensaios filosóficos. Anexava em tom jocoso a separata de um texto intitulado 'Colóquio Inútil', que fizera publicar nesse mesmo mês na revista literária lisboeta pela qual Álvaro Pinto continuava a antiga *Águia* portuense de que Delfim Santos fora diretor, crismada agora como *Ocidente*.¹ Consistia esse texto, a acompanhar o retorque, num relato público de uma sessão da tertúlia que mantinham os antigos alunos de Leonardo, aos quais se haviam somado os novos Eudoro de Sousa e Miguel Summavielle.

A tertúlia começara sensivelmente meio ano antes, quando Delfim ocupava ainda o leitorado da Universidade de Berlim ensinando aos alemães a língua portuguesa e a cultura portuguesa e brasileira. A certidão do nascimento encontra-se na carta que Álvaro Ribeiro em 05.03.42 envia ao seu amigo há já cinco anos expatriado: «nós, antigos alunos de Leonardo Coimbra, reunimo-nos agora mensalmente num restaurante de Lisboa para melhor estreitarmos os nossos laços de fraternidade... o nosso grupo, iniciado fundamentalmente por Adolfo [Casais Monteiro], [António] Alvim, [José] Marinho, Sant'Anna [Dionísio] e por mim, tende a alargar-se pela aceitação de pessoas como o Eudoro [de Sousa] e o [Miguel] Summaviele que pela filosofia se interessam como nós».

Três meses depois Delfim Santos regressa definitivamente a Portugal e associa-se às confluências de colegas e memórias operadas nestes ágapes. Se ainda menciona em carta-bilhete para Marinho de 05.07.42 os encontros com Álvaro Ribeiro e o destinatário da missiva ao fim da tarde no Café *Palladium*, já a 12.10.42 as tertúlias em redor de um jantar se haviam institucionalizado, como o atesta o bilhete de Álvaro a Delfim recordando que «o nosso jantar mensal está, em princípio, fixado para a próxima quarta-feira, às 21 horas, na *Charcuterie Française*». Eram os primórdios de uma das mais duradouras tertúlias lisboetas que iria durar por mais de três décadas, replicando aquele mítico *Café Majestic* do Porto a uma mesa do qual Leonardo fizera «a sede de seu simpósio filosófico».² Delfim Santos acabaria por não comparecer duradouramente às reuniões do grupo, entretanto modificado pela morte intempestiva de Miguel Summavielle e pela entrada de uma nova geração de cultores da *filosofia portuguesa*; o autor destas linhas ainda guarda nítida impressão de uma das últimas sessões da lendária tertúlia de Álvaro Ribeiro, já em finais da década de 70, reunida em redor do almoço no restaurante *O Polícia* e prolongada tarde afora em casa de Afonso Botelho, para a qual foi convidado por Francisco da Cunha Leão, o editor da *Guimarães*.

Era assim também nessas primeiras tertúlias dos anos 40: frequentemente os jantares terminavam no apartamento de Casais Monteiro na Av. Luís Bívar 83 – 4º D, com a assistência da esposa deste, em ambiente similar ao de um serão que nos retrata Miguel Summavielle: «Fui com o Marinho passar algumas horas a casa [do Casais] uma noite destas. A Alice, uma delícia de mulher. O

¹ Vol. 20, n.º 64, 393-398.

² Agostinho da SILVA (2006) *Caderno de Lembranças*, Corroios: Zéfiro, 64.

que foi esta noite V. calcula: um pouco de política, bastante literatura, poesia, música, vinho do Porto,... no ambiente português, mas agradável, do gabinete de trabalho do Adolfo».³

Sabemos igualmente que, ao contrário de um simples serão de cavaqueio, o formato da tertúlia incluía então o revezar dos participantes no tratamento de um tema a ser debatido por todos os comensais: Casais, em postal para Delfim de 22.11.42, informa que não tivera tempo para «preparar a perlanga» prevista para o dia seguinte, pedindo escusa da falta e solicitando mora de uma semana. E o mesmo Delfim, precisamente sobre uma sessão que iria registar para a posteridade e que aqui nos ocupará, esclarece que naquela noite «era a Álvaro [Ribeiro] que pertencia fazer um pequeno relato de um dos livros de Leonardo, a que se seguiria discussão esclarecedora». Foi pois sobre um desses simpósios filosóficos mais formais, que pela noite fora se prolongavam após a ceia em casa do poeta seu condiscípulo, que Delfim Santos escreveu um relato *à clef* que agora remetia a Casais naquela carta, ocultando sob pseudónimo, como era corrente fazer-se, os nomes reais dos intervenientes: Álvaro Ribeiro se tornaria 'Alberto'; Sant'Anna Dionísio seria 'Rodrigo'; José Marinho manteria o seu nome próprio; Eudoro de Sousa se encobriria sob 'Ernesto'; Adolfo Casais Monteiro velar-se-ia em 'António' e por fim o próprio Delfim Santos se automeava 'Martinho', invocando o magistério haurido nas obras de Martin Heidegger. Expediente destinado apenas a leitores menos avisados pois os nomes apresentavam chaves de fácil leitura para os que conheciam este círculo filosófico...⁴

³ Carta a Álvaro Ribeiro não datada, N9/1028, folio 2v na Biblioteca Nacional de Lisboa.

⁴ Existem muitas instâncias desta prática e entre as que colocam em cena o próprio Delfim Santos veja-se o diálogo de António SÉRGIO (1934) Em torno da 'ilusão revolucionária' de Antero, *Seara Nova* 11.09.1934, Lisboa, 406-408, composto em resposta a Sant'Anna DIONÍSIO, *Antero, algumas notas sobre o seu drama e a sua cultura*, Lisboa: Seara Nova, 1933; figuravam neste diálogo os personagens 'Aloísio' (Sant'Anna Dionísio), 'António' (António Sérgio), 'Agostinho' (Agostinho da Silva) e 'Alexandre' e escreveu Sant'Anna em carta a Delfim Santos de 20.09.1934: «Recebeu a *Seara* de homenagem a Antero? Que lhe pareceu? Achei-a inferior, muito fraca mesmo. Do diálogo do Sérgio nem falar... O 'Alexandre' decerto é Você?» (na primeira edição do tomo V dos *Ensaíos* Sérgio manteve 'Aloísio' e substituiu os nomes das outras personagens pelos de Valério, Isolda e Reinaldo respetivamente). Mais recentemente António Telmo, em *A Verdade do Amor* (2008), coloca em drama os alunos de Leonardo

Tendo o seu Autor descriptado a cifra em nota marginal, a lápis, aposta ao seu exemplar da revista, aqui se publica pela primeira vez a versão matricial de um colóquio agora tornado bem mais *útil*.*

DELFIN SANTOS (1943)

– CRIPTOTEXTO DE COLÓQUIO INÚTIL

Nessa noite reunimo-nos os seis. Conhecíamos-nos todos desde que, frequentando a Universidade, nos achámos mais ou menos ligados pela comunidade dos nossos interesses intelectuais. Só um deles, o Eudoro, se juntou ao grupo muito mais tarde. As suas preocupações culturais, que eram as nossas, foram descobertas por Álvaro Ribeiro que era, de todos nós, aquele que manifestava mais talento para aliciar discípulos ou simpatizantes. Nessa noite havíamos-nos juntado para dedicarmos uma hora de estudo a Leonardo Coimbra, que tinha sido nosso mestre na Universidade. Era a Álvaro que pertencia fazer um pequeno relato de um dos livros do nosso Autor, a que se seguiria discussão esclarecedora. Depois de várias objeções, pedidos de esclarecimento, e crítica a algumas opiniões de Álvaro, que se seguiram à leitura, bem escutada, o problema fixou-se no seguinte: *Não seria necessário, antes de continuar a análise da obra de Leonardo, determinarmos o que se deve entender por filosofia, e quais as características que a distinguem de outras atividades do pensamento? Ou, de outra maneira, 'que é o filósofo?'*

Álvaro foi o primeiro a tomar a palavra. «— Filósofo, disse ele, é o pensador que, armado de um método próprio e adequado, pretende desvendar a realidade». Na sua definição, objetaram-lhe, exprime-se a convicção de que o fundamental em filosofia é o método, mas não é isso mesmo que a filosofia contemporânea põe em dúvida? Não será essa definição, no que se refere ao método, mais própria para a ciência? Não é a ciência que se determina, a si e ao seu domínio real, pelo método que põe em ação? Ou não haverá, sob este aspeto, distinção possível entre ciência e filosofia? E admitindo tal definição, parece que

mas esclarece: «'Delfim' é uma síntese de três alunos de Leonardo Coimbra e está essa personagem muito longe de nela se significar o nobre e alto espírito de Delfim Santos. 'Álvaro' é de facto Álvaro Ribeiro e 'José', José Marinho. Mas 'Eugénio' não é Eugénio Aresta, é Delfim Santos», Lisboa: Zéfiro, 75. Um elenco de outros cultores do diálogo filosófico *à clef* incluiria Leonardo Coimbra, Agostinho da Silva e Vicente Ferreira da Silva.

o método só poderá ser um, quanto à filosofia: a dialética. E esse, de facto, é admitido por todos os filósofos. Mas a dialética não é um método de descoberta da realidade — foi objectado —, mas a própria atividade do pensamento na busca do fundamento das coisas e de si mesmo.

Sant'Anna propôs então uma outra definição. Não; para ele filosofia era coisa diferente. «— Filósofo é o homem que reflete profundamente sobre o homem e a vida». Mas a sua definição levantou logo de um dos presentes a seguinte objecção: que o homem e a vida sejam tema de reflexão do filósofo temos todos de o admitir; no entanto, que o tema faça o filósofo, já não é tão facilmente admissível. Refletir tem um sentido muito vago. Parece que tal termo se emprega com propriedade quando significa uma ação indireta do pensamento sobre o tema que focou. Ora, sendo assim, poderá a definição aplicar-se à filosofia? Não pretende ela um conhecimento direto e mesmo imediato da realidade? — E outro dos presentes acrescentou: o termo *reflexão* parece ainda impróprio para exprimir o transcendental que todo o conhecimento implica, porque a atividade reflexiva se realiza sempre no sujeito, é imanente ao sujeito ou, como diziam os medievais, é uma *intentio obliqua*, enquanto que o conhecimento filosófico aspira à *intentio recta*. Demais, acrescentou outro, ainda que no conhecimento filosófico houvesse algo de reflexão, ficaria vago o sentido do *profundamente* que surge na definição. Todos os homens refletem sobre o homem e a vida, mas quando começam a ser filósofos por esse facto? Como se determina o *profundamente*? José Marinho, que até então se mantivera silencioso, ajeitou-se na sua cadeira, e todos voltaram para ele os olhares. E, num tom profundo de homem que está habituado a dizer grandes coisas, e só grandes coisas, afirmou em tom definitivo: «— Filósofo é o homem que procura a verdade». A resposta, dada em tom sacudido e mostrando claramente que não lhe agradava 'ter sido chamado à pedra', parecia-lhe que tinha posto fim ao debate. O sorriso com que terminou as suas palavras dispunha-o mesmo, vaidosamente, a receber os elogios e os aplausos. Mas estes não vieram. E objetaram-lhe: se o filósofo procura a verdade, isso não o distingue de qualquer outro homem. Todos os homens procuram a verdade. E, portanto, estamos diante desta alternativa: ou

todos os homens são filósofos, porque procuram a verdade, ou a verdade que os filósofos procuram é diferente da que busca o comum dos homens. Além disso, o problema da verdade é complexo em demasia para se poder afirmar simplesmente que *o filósofo procura a verdade*. Verdade no sentido de adequação dos nossos pensamentos com a realidade, ou verdade no sentido de coerência dos pensamentos entre si? A definição supõe resolvido um problema muito difícil, afirmou um dos presentes. Admitindo que *verdade* tenha um sentido especial, distinto daquele que lhe empresta o homem vulgar, precisaríamos ainda de distinguir o que é a verdade para a ciência, e o que é a verdade para a filosofia. Porque, estou certo, todos admitem que o homem de ciência também procura a verdade. E, segundo a filosofia alemã, teríamos de distinguir entre verdade ôntica e verdade ontológica... e o problema da evidência, interveio outro, dá também sentido especial ao problema da verdade e ...

... As suas palavras perderam-se. Uma certa confusão, causada pelas vozes de vários falando ao mesmo tempo, indicou ter chegado a vez de ouvirmos a definição de Eudoro, que era quem se seguia ao anterior. Eudoro estava visivelmente inquieto quando a pergunta lhe foi dirigida. Notava-se que procurava uma resposta digna de si e do seu conhecimento da filosofia alemã. E começou assim: «— Num primeiro estágio só me é possível definir o filósofo de maneira negativa. Começarei, portanto, por dizer que *filósofo é o homem que, na sua dialética, exclui o momento religioso e o momento estético*. Parece-me que são estes os escolhos que sempre perturbam a atividade filosófica, e só quando o pensador conseguiu libertar-se deles encontrou a verdadeira via da especulação. A dialética hegeliana, por exemplo, parece-me ter aproveitado de forma feliz esses dois momentos, mas pode perguntar-se se é legítimo tal método em filosofia. Sou levado a crer que não. Além disso, a expressão *dialética hegeliana* não me parece, neste caso, muito feliz, porque há em Hegel diferentes dialéticas, conforme o aspeto da realidade donde ele parte. Portanto parece-me que, antes de mais, teríamos de determinar, com precisão, qual é a região da realidade onde deverá apoiar-se a dialética para a tornar típica do filósofo. É certo que em Hegel temos uma resposta clara, embora nem sempre

ele a respeitasse: o Espírito, nos seus três graus de desenvolvimento. Mas deixo, por agora, a minha resposta em suspenso, e passarei à determinação positiva do que seja o filósofo depois de ouvir Casais Monteiro e o nosso Delfim».

Casais Monteiro, que é poeta, e poeta já consagrado, olhou Eudoro e parecia que iria contestar a exclusão do momento estético na dialética filosófica. Mas não; seguiu outro caminho. E depois de marcar a dificuldade que tinha em exprimir, naquele momento, o que pensava, continuou assim: «— penso que o filósofo é o homem que, acima de tudo, se interessa por desvendar o que é a realidade. É claro que eu entendo realidade num sentido concreto e sem abstrações, e penso que é esta que, de facto, interessa ao filósofo. *O que é, enquanto é*, se quiséssemos adotar esta fórmula rebarbativa, poderia sugerir o que penso. É certo que, por vezes, se acusa a filosofia de ser abstrata, e eu não nego que em várias ocasiões o tenha sido. Mas muitas vezes também as abstrações que os filósofos usam têm apenas valor instrumental; são as ferramentas utilizadas na descoberta do que nem por isso necessita de ser também abstrato. Quando eu me refiro à realidade concreta penso em algo que sempre o filósofo procura, embora nem sempre o encontre. É claro ainda que não identifico realidade concreta com algo material. O que penso não o posso claramente exprimir, mas talvez volte ainda ao assunto para tentar determinar o sentido especial que ligo ao termo *concreto*, tanto mais que está hoje em moda, embora nem por isso esteja suficientemente esclarecido».

E Delfim começou em voz baixa e refletida o seu depoimento: «— É interessante que, apesar de sermos apenas seis, em nós se manifestaram algumas das mais importantes tendências da filosofia. E, se fôssemos mais, talvez fosse possível fazer o catálogo, mais ou menos completo, das atitudes já postas em relevo ao longo da história do pensamento. Donde se prova que a filosofia é uma especulação livre, e que a história do pensamento só nos serve para melhor nos procurarmos e, porventura, nos encontrarmos. A conceção metodológica apresentada por Álvaro é, quanto a mim, apenas um momento da filosofia que, por isso mesmo, a não pode caracterizar na sua totalidade. A atitude psicologista de Sant'Anna já foi criticada por vós, e não me

parece, a mim também, capaz de exprimir integralmente o pensamento filosófico. José Marinho transpôs a filosofia em metafísica e em gnosiologia. Parece-me ser uma via que, bem explorada, nos poderá ainda levar muito longe. Eudoro deixou apenas entrever a sua resposta, que me parece, desde já, importante; e tu, Casais Monteiro, como convém ao teu temperamento, foste, como sempre, ontologista. Espero apenas que nos esclareças sobre o teu conceito de *concreto*, que talvez venha mesmo a aproximar-se da noção de espírito que me parece vai ser desenvolvida por Eudoro para determinar positivamente o que seja o filósofo».

«Mas agora cabe-me dar a minha resposta, e vou fazê-lo antecipadamente convencido de que ela merecerá as mesmas críticas que as anteriores. Poderia dizer-vos, em tom irónico,⁵ que o filósofo é o homem que tem a possibilidade de filosofar. E é claro que, se vos dissesse isto a sério, ou convencido que era a sério, poder-me-íeis vós dizer que não tinha dito nada, porque, segundo as regras da lógica, tal definição não serve. Mas reparai um momento. Eu disse-vos que o filósofo era o homem que tinha a possibilidade de filosofar, e não que era o homem que tinha uma filosofia. Há uma notável diferença entre filosofar e filosofia. A primeira é uma atividade, a segunda um momento de repouso. Daqui procede ainda uma outra distinção: pode ensinar-se filosofia, o que não pode é ensinar-se a filosofar. Isto é, pode ter-se uma filosofia sem ser filósofo, o que não pode nunca suceder com o filosofar. E pode ainda tirar-se outra consequência: nunca a filosofia fez um filósofo, isto é, nunca a história dos sistemas serviu alguma vez para despertar a vocação do filosofar. Possivelmente achais atrevido este ponto de vista, mas eu ouvirei com agrado os vossos desacordos. Cabe-me ainda indicar-vos qual o sentido que atribuo ao filosofar. Dir-vos-ei que *filosofar* se revela sempre como fundamentação de pensamentos, ideias, atos ou atitudes. Em resumo: filosofar é *fundamentar*. E fundamentar é buscar o alicerce (racional, emocional ou sensorial) que serve de suporte e garantia a toda a atividade humana. *Filósofo é, portanto, o homem que procura, em todos os aspetos da vida prática e teórica, a fundamentação das suas*

⁵ Veja-se Delfim SANTOS (1943) O Valor da Ironia, *Variante (2 / inverno)*, Lisboa: Inquérito, 74-76.

atitudes, do seu pensamento, da sua vida e de tudo que o circunda ou transcende a sua esfera de ação. E não quero agora chamar para aqui Aristóteles e Leibniz, que nos poderiam esclarecer, sem dúvida, sobre o problema do *fundamento*, mas que nos desviariam também do nosso propósito. Basta-nos só ter indicado as relações do problema do *fundamento* com a atividade do filosofar.⁶ E, no sentido que já vos indiquei, o filósofo é que é autenticamente *filólogo*, isto é, o homem que procura o logos, a base de fundamentação racional do seu pensamento e das suas atitudes. Se quiséssemos outro símile, poderíamos dizer que o filósofo é verdadeiramente o *arqueólogo*, como aliás pretendeu Husserl, afirmando que o sentido último da filosofia é ser arqueologia no sentido da descoberta do logos primitivo, como os elementos gregos conformadores da palavra *arqueo-logos* o exprimem com notável precisão». «Pelo que vos disse, pode concluir-se que a filosofia manifesta sempre um sentido regressivo relativamente a outras formas do conhecimento. A filosofia é regresso e não progresso, embora, certamente, este regresso condicione e desenvolva as possibilidades de progresso de outras atividades do pensamento. É o caso das relações entre a ciência e a filosofia. A ciência progride no encontro de novos resultados, mas os métodos que lho permitem são alargados e tornados fecundos com a aproximação das fontes originárias do logos, que o regresso filosófico permite. Um exemplo concreto pode tornar mais claro o que acabo de dizer: o mecanismo em física é uma conceção proveniente de certa visão filosófica do universo. Verificada a sua insuficiência explicativa, adotou-se uma outra teoria mais vasta e conhecida sob o nome de energetismo. Quais são as relações entre mecanismo e energetismo? A segunda é muito mais vasta e indiferenciada do que a primeira e, portanto, mais regressiva. E, por isso mesmo, permite uma melhor e mais adequada explicação dos factos físicos do que o mecanismo. Em resumo, uma teoria tem sempre dois sentidos opostos: um regressivo, e buscando sempre bases mais profundas de fundamentação — o momento filosófico; e outro progressivo, que possibilita a sua genera-

lização explicativa a novos factos — o momento científico. No momento regressivo há um patente sentido de transobjetividade, porque este se move na região dos princípios. No momento progressivo, e predominantemente científico, tudo se move na zona do puramente objetivo. De certa maneira pode dizer-se que o filósofo é o homem ignorante relativamente àqueles que, seguindo o sentido progressivo, julgam que sabem, e o homem que sabe, de ciência certa, relativamente aos outros que ignoram o caminhar do pensamento no sentido regressivo. Há, portanto, nele uma qualidade especial, que já foi chamada na história *docta ignorantia*, e que exprime o que pretendemos expor».⁷

O conceito de ignorância, interpretado neste sentido, deu origem a algumas objeções dos presentes. No meio da discussão ouviram-se gritos de uma criança estremunhada, vindos do quarto contíguo. A mãe, que estava atenta junto de nós, era a Maria Alice, mulher de Casais Monteiro, que correu em sobressalto. Poucos segundos depois, voltou e disse-nos que o filho, João Paulo, pedia que estivéssemos calados. E assim se tornou claro, para todos nós, que a verdadeira definição de filósofo tinha sido dada por esse garoto de sete anos,⁸ que queria dormir: «Filósofo é aquele que medita, que medita em silêncio, que respeita e adora o silêncio, e não crê na veleidade de, pela discussão, ficar a saber o que é o filósofo».

CARTA INÉDITA DE ÁLVARO RIBEIRO À VIÚVA DE DELFIM SANTOS

Anotada por: Filipe Delfim Santos

Lisboa, 1 de maio de 1981⁹

Excelentíssima Senhora

D.^a Manuela Santos:

Recebi a carta de V. Ex.^a datada de 14 de março, à qual devo responder por escrito, como é da praxe.

⁷ Delfim SANTOS (1943) Da Ignorância, *Aventura* 3, Lisboa, jun., 145-150.

⁸ João Paulo Monteiro, filho de Casais Monteiro e afilhado de José Régio, nasceu no Porto em 25.02.38 e tinha pois 5 e não 7 anos à data desta tertúlia em Lisboa.

⁹ A carta foi escrita a poucos meses do falecimento do filósofo, em outubro desse ano de 1981.

⁶ Filosofia como *busca dos fundamentos* em Delfim SANTOS: *Fundamentação existencial da Pedagogia*, 1946; *Fundamentação da Filosofia*, 1954; *A técnica como fundamento da cultura*, 1966.

Só agora posso cumprir gostosamente essa formalidade, porque durante o mês [de abril] inteiro me vi atormentado por quatro doenças que podem simultaneamente afligir um homem da última idade. Peço desculpa de não ter telefonado a explicar esta lamentável demora.

É-me difícil elaborar um ensaio, ainda que breve, sobre o pensamento filosófico de Delfim Santos. Há alguns anos já, na plenitude das minhas pobres faculdades mentais, revi os livros e reli alguns capítulos para prestar até certo ponto apontamentos mais técnicos e mais profundos ao futuro discurso do Dr. Domingos Monteiro. Em vésperas da cerimónia marcada para realizar na Academia das Ciências, aquele ilustre novelista e nosso amigo confessou que havia perdido os meus manuscritos e que, portanto, daria uma feição mais literária à sua forçada e forçosa peça de retórica.¹⁰

Hoje, dada uma certa alteração no curso dos meus pensamentos, é-me impossível praticar o trabalho de reconstituir os temas, as teses e os teoremas do pensador, do escritor e do professor que muito honrou a cultura portuguesa. Só me acodem à memória as divergências e as discordâncias pelas quais afirmávamos as nossas personalidades, sempre em bons termos de cortesia, lealdade e amizade.¹¹ Era-nos comum a admiração por Leonardo Coimbra de quem não fomos, a bem dizer, discípulos.¹² Delfim Santos distinguia-se entre os colegas universitários pelo saber, pela inteligência e pelo talento que não

só revelava nas provas escolares mas também em manifestações públicas de vida intelectual. Era um pensador de vocação metafísica e de intuição mística, mas infelizmente foi desviado pelos serviços burocráticos das secretarias de Estado da carreira brilhante que o levaria certamente a maior glória. A Junta de Educação Nacional colocou-o como estudioso do positivismo lógico na Escola de Viena ou no Círculo de Praga¹³ e a Universidade de Lisboa deslocou-o para a docência das chamadas ciências pedagógicas. Não foi essa, aliás, a primeira vez que em Portugal se praticou injustiça para um verdadeiro filósofo, negando-lhe os meios próprios de liberdade de pensamento, expressão e imprensa. É de notar que o Estado, em seus serviços burocráticos, e a Nação, em seus concursos literários, jamais concede prémios honoríficos ou pecuniários às obras de filosofia porque os nossos literatos preferem oficializar apenas a designação ambígua de ‘ensaio’.¹⁴ Delfim Santos legou à filosofia portuguesa livros suficientes para documentarem a elevação do seu pensamento, sobre os quais já se pronunciaram diversas pessoas para tal qualificadas e competentes. Outras responderão à chamada, se forem convocadas oportunamente. O meu testemunho de pouco vale mas, nesta fase crítica da minha idade, é-me impossível assinar já qualquer promessa.

Com esta breve resposta ao pedido tão bem formulado por V. Ex.^a em carta tão honrosa que deveras me surpreendeu e me enterneceu, apresento os meus cumprimentos sinceros, amigos e respeitosos.

¹⁰ Sucessor de Delfim Santos na cadeira nº 37 da Academia das Ciências, Domingos Monteiro apresentou a homenagem regulamentar ao seu antecessor em 15.11.73, cujo resumo foi publicado em 1978 nas *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Letras, tomo XIX, Lisboa: Academia das Ciências, 185-188.

¹¹ A história das convergências e divergências entre os dois amigos pode ser feita através da correspondência que ambos trocaram, de que se prepara uma reedição completa e atualizada.

¹² Observação concorde com declarações de Delfim Santos, que em várias instâncias insistiu em que não fora discípulo, em sentido doutrinário, do seu ilustre professor na Faculdade de Letras do Porto, como na sua *Autobiografia Intelectual*, ainda inédita: «Leonardo Coimbra, para além dos méritos que uns exaltam e outros condenam, era um grande professor. Não pertenci ao grupo dos seus íntimos discípulos, não partilhei da admiração sem peias que alguns lhe votavam, não porque realmente o não admirasse mas porque sempre prezei acima de tudo a própria independência. Mas não posso deixar de consignar aqui que, não tendo sido discípulo dileto e próximo, muito lhe devo em informação, em sugestão na ânsia de uma cultura viva e atual».

¹³ O *Círculo [Filosófico] de Praga para as Pesquisas sobre o Entendimento Humano*, fundado em 1934, era na verdade de inspiração husserliana e antipositivista. Delfim Santos, quando estagiou em Viena em 1935-36, assistiu a seminários e conferências de Emil Utitz, o fundador do grupo, a quem considerou ‘conferencista notável’ em carta a Álvaro Ribeiro de 09.03.36. Reencontrou-o ainda em 1937 no Congresso Descartes, em Paris, segundo carta a José Marinho de 22.08.1937. Utitz teve também relevante papel no estabelecimento dos fundamentos modernos da ciência caraterológica, independente da psicologia, que Delfim Santos viria a adotar em formulações posteriores emanadas da escola franco-holandesa de Heymans / Le Senne.

¹⁴ Com efeito Delfim Santos concorrera em 1946 ao prémio literário de ensaio promovido pelo SNI – Prémio Ramalho Ortigão – com o texto ‘Meditação sobre a Cultura’, publicado nesse ano em Lisboa, na revista *Rumo*, ano 1, nº 1, 21-40, prémio esse que lhe foi recusado.